

## “Histórias que a vida conta”: A (Re-)Construção Sócio-Discursiva de Masculinidades

*“Stories life tells”: the social and discursive (re-)construction of masculinities*

Alvaro Monteiro Carvalho<sup>1</sup>

Artigo  
Original

Original  
Paper

### Palavras-chave:

Socioconstrucionismo  
Discurso  
Masculinidades

### Resumo:

Durante muito tempo dominou a visão do homem como detentor do sexo forte, chefe de família etc. Entretanto, nos últimos anos, depois do surgimento dos movimentos feministas (anos 60) e do movimento gay, essa estrutura masculina vem sendo alvo de muitas críticas. Atualmente, muitas mulheres ocupam o cargo de chefe de família ou de empresas, não sendo mais consideradas como o sexo frágil. Então, frente a esse mundo contemporâneo, a masculinidade hegemônica entra em crise. A tão forte instituição homem começa a performar diversas masculinidades e, assim, surgem outras formas de ser homem. Tais performances são construções discursivas dado que não há uma essência biológica relativa a formas de ser homem ou mulher. Dessa forma, o objetivo deste trabalho foi estudar como acontece a (re-) construção da masculinidade do jovem Felipe, foco de nosso estudo de caso, com base numa visão socioconstrucionista do discurso e da identidade social. Para analisar os dados gerados durante a pesquisa, foram utilizados os pressupostos da Análise de Discurso Crítica (FAIRCLOUGH, 2008). Foi concluído que, durante a narrativa de vida, o jovem (re-) constrói diversas vezes a forma como vive sua identidade de masculinidade, partindo de uma visão essencializada sobre a mesma para, no fim da narrativa, reposicionar-se enquanto sujeito homoerótico.

Recebido em  
08/2011

Aprovado em  
12/2011

### Abstract

*For a very long time man was represented as the stronger sex, the head of the family etc. However, after the rise of feminist and gay movements, this masculine structure has been the target of much criticism. Nowadays many women are in charge at home and at their jobs, and therefore they are not considered the weaker sex anymore. Then in this contemporary world, the hegemonic masculinity gets into crisis, and new masculine performances come into being every day. Such performances are discursive constructions given the fact that there is no biological essence which belongs to the human body. For this reason this work aims to study how Felipe's masculine identity (re-)construction happens, based on the social construction view of discourse and social identity. To achieve such a goal we used the Critical Discourse Analysis assumptions which were proposed by the linguist Norman Fairclough (2008). We concluded that Felipe (re-)constructs his sexual identity many times along his narrative. In the beginning he viewed the identities as a fixed and essentialized performance, and in the end he repositions himself as a homoerotic subject.*

### Key words:

Social constructionism  
Discourse  
Masculinities

<sup>1</sup> UFRJ – Universidade Federal do Rio de Janeiro – Mestrando em Linguística Aplicada  
UniFOA – Centro Universitário de Volta Redonda – Graduado em Letras (Português/Inglês)

## 1. Introdução

A sociedade que *hoje*<sup>1</sup> conhecemos e onde vivemos é alvo de constantes mudanças, estas, por sua vez, são provocadas por uma série de transformações – políticas, sociais e/ou históricas – nas diferentes instituições sociais. Zygmunt Bauman (2001), por exemplo, classifica-se o período atual como *modernidade líquida*. Para o autor, líquido é uma das variantes dos fluídos que, por sua vez, deslocam-se com facilidade devido à sua grande instabilidade.

Eles “fluem”, “escorrem”, “esvaem-se”, “respingam”, “transbordam”, “vazam”, “inundam”, “borrifam”, “pingam”; são “filtrados”, “destilados”; diferentes dos sólidos, não são facilmente contidos – contornam certos obstáculos, dissolvem outros e invadem ou inundam seu caminho (BAUMAN, 2001, p.08).

A fácil mobilidade dos fluídos é associada à ideia de “leveza”, ou seja, ausência de peso, o que está intimamente ligado à inconsistência. Assim, com rapidez e facilidade o que é líquido se desloca, move-se, flui. Por esta razão, Bauman (2001) acredita que “fluidez” e “liquidez” funcionam como a metáfora para o estágio presente da era contemporânea.

Boaventura de Souza Santos (2001), também dissertando sobre os tempos atuais, diz que o mesmo foi fundado sob as consequências, balanços ou resultados de uma era anterior. O século XIX, de acordo com o autor, foi um tempo em que ocorreu um excesso de promessas, promessas essas que fundamentaram o projeto da modernidade. Entretanto, esse projeto de uma nova era “cumpriu algumas das suas promessas e até cumpriu em excesso, por isso mesmo inviabilizou o cumprimento de todas as restantes” (SANTOS, 2001, p. 80). O resultado dessas ações apenas floresceu no século seguinte: guerras e crises afetaram nosso planeta por inteiro, fazendo com que o século XX se mostrasse um fracasso perante o anterior.

Apenas a partir do ano 1960, a pós-modernidade reage e apresenta um novo cenário

mundial, que ainda está em vigor, período o qual o autor denomina *capitalismo desorganizado*, “uma designação inadequada, mas que, à falta de melhor, não é tão grosseira que nos impeça de ver a natureza profunda das transformações em curso nas sociedades capitalistas avançadas” (SANTOS, 2001, p. 79).

Em meio a essa turbulência de mudanças, o sujeito social também se transforma. Na época do Iluminismo, por exemplo, a noção de sujeito era totalmente diferente da que temos hoje. O sujeito Iluminista estava baseado numa visão que construía o ser humano como um indivíduo inteiramente centrado, individualizado e racional,

cujo “centro” consistia num núcleo interior, que emergia pela primeira vez quando o sujeito nascia e com ele se desenvolvia, ainda que permanecendo essencialmente o mesmo – contínuo ou “idêntico” a ele – ao longo da existência do indivíduo. O centro essencial do eu era a identidade de uma pessoa. (HALL, 2005; p.10-11)

Este sujeito passa por diversas descentralizações no decorrer da história, isto é, o homem de uma única e estável identidade entra em declínio devido a mudanças de ordens social, política e econômica de épocas diversas – o trabalho do filósofo e historiador Michel Foucault, por exemplo, ao produzir uma espécie de “genealogia do sujeito moderno” – e o resultado dessa crise e das transformações resultou em um novo sujeito, o contemporâneo. Este performa diferentes facetas de uma dada identidade, porque assim ele próprio *cria* a imagem a qual deseja que as pessoas tenham dele (cf. HALL, 2005). Em suma,

[Na pós-modernidade] o sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos, identidades que não são unificadas ao redor de um “eu” coerente. (...) A identidade plenamente unificada, completa, segura e coerente é uma fantasia. (HALL, 2005; p.13)

<sup>1</sup> É importante ressaltar que mudanças e transformações sempre ocorreram na história, como, por exemplo, no Renascimento (cf. SOARES, 2008). Porém, tais processos são mais visíveis e palpáveis no período contemporâneo devido aos grandes avanços tecnológicos, principalmente em relação às novas mídias que, a todo momento, envolvem-nos em informações configurando nossa sociedade como uma verdadeira sociedade do espetáculo (cf. DEBORD, 1997).

Dessa forma, estudar o sujeito contemporâneo como portador de uma identidade centralizada e unificada – ou sólida, como prefere Bauman (2005) - é um equívoco, pois os avanços tecnológicos e dos meios de comunicação trazem, de fato, uma gama de transformações em todos os aspectos da vida social e, cada vez mais, influenciam em novas formas de sociabilidade.

Sendo assim, neste trabalho, buscamos analisar como acontece a (re-)construção discursiva de masculinidades com base em uma visão socioconstrucionista da identidade social e do discurso, problematizando a função social das narrativas de vida como construtoras de significados e de identidades para os atores sociais envolvidos em tal processo. Para tanto, primeiramente apresentaremos alguns apontamentos sobre identidades sociais no contexto contemporâneo para, em seguida, discorrer sobre a questão da masculinidade ao longo da história. Em nossa segunda seção, defenderemos uma visão socioconstrucionista do discurso e das identidades sociais, delineando os princípios metodológicos que guiarão nossa análise, esta apresentada em nossa última seção.

## 2. Performances identitárias e masculinidades

Essa complexa era heterogênea na qual vivemos “produz” identidades plurais, as mais variadas possíveis e, por vezes, contraditórias, revelando-nos performances<sup>2</sup> diversas no que diz respeito à nacionalidade, à raça, à religião ou mesmo à sexualidade, abalando e desafiando as crenças das sociedades tradicionais anteriores e desestabilizando as pós-modernas (cf. WOODWARD, 2008). Em relação à sexualidade, emergem, eventualmente, novas formas de ser homem e mulher na época atual, no período contemporâneo, na pós-modernidade, na modernidade líquida.

A ideia da masculinidade postulada atualmente diverge das concepções anteriores, causando o que muitos alegam ser de crise da

identidade masculina. Na era Medieval, segundo Oliveira (2004), por exemplo, tínhamos uma sociedade na qual o modelo ideal de masculinidade era representado pelo homem corajoso, bravo, destemido, ousado. Entre os séculos XVII e XVIII, o cenário econômico começa a mudar com a ascensão de uma classe trabalhadora e capitalista, conhecida como burguesia e a emergência da classe média. As divergências entre o modelo masculino moderno e o medieval podem ser percebidas por intermédio de novas formas de sociabilidade. As relações amorosas também sofreram transformações durante essa passagem, a supervalorização do matrimônio, por exemplo, passa a constituir o ideal moderno de família e o homem começa a ser visto como uma “peça” importante para a constituição da mesma.

Já na primeira metade do século XX, ocorreram duas grandes guerras que abalaram o mundo: a I Guerra Mundial e a II Guerra Mundial. Durante esse período foram resgatados aqueles ideais medievais masculinos, tais como: honra, coragem, bravura etc., e foi acrescentado o valor de disciplina para que os homens fossem bem preparados e capazes de ir para a guerra. Ser homem, nesse período, era possuir os valores mencionados e esses eram considerados importantes para a sociedade de então. A partir da segunda metade do mesmo século, especificamente depois dos anos de 1960, movimentos feministas, dos negros e gays – emancipatórios – começaram a surgir com força e intensidade clamando por direitos iguais. Porém, mesmo com tais protestos, a ideia de igualdade ou normalidade entre as diferentes performances não foi logo disseminada. Ainda nos anos de 1990, os homoeróticos “reconhecíveis ou não, mas que assumiam sua opção por essa prática decretada anormal” (WELZER-LANG, 2004, p.121) eram excluídos e discriminados pelos homens que se enquadravam no molde dominante, por causarem uma desestabilização nos regimes de verdade (cf. FOUCAULT, 2008a e 2008b) em vigor.

Já a partir dos anos 2000, na melhor das hipóteses, após as incansáveis lutas que

<sup>2</sup> Autores como Moita Lopes e Fabrício (2007) tratam as identidades como performances, já que consideram não haver uma essência inerente a qual determina o que somos e seremos em nossas práticas discursivas.

deram visibilidade ao homossexualismo [sic] e depois da compaixão devida à homossexualização da Aids, vemos em andamento um “heterossexismo diferencialista”, uma forma liberal que aceita o fato de existirem seres diferentes, os homossexuais, e que por isso é normal, progressista, conceder-lhes alguns direitos (WELZER-LANG, 2004, p. 121-122).

Mesmo com tal “flexibilidade”, o heterossexualismo diferencialista pode produzir uma “homofobia diferencialista” ao admitir a caracterização ou qualificação coletiva ou individual, como gestos, estilos e gostos os quais são um pouco diferentes dos homens e das mulheres heterossexuais (cf. WELZER-LANG, 2004).

É a partir desse ponto que nossa proposta se estrutura: se é possível e socialmente aceita a performance de uma masculinidade dita subalterna<sup>3</sup>, de que forma os sujeitos envolvidos nessas práticas se constroem por meio do discurso? É possível afirmar que o que os diferencia ou que a própria diferença é uma construção discursiva? Como acontece a construção discursiva de uma masculinidade homoerótica e quais influências sociais agem sobre tal construção? Essas questões servir-nos-ão de guia e o entendimento de como discurso e prática social estão intrinsecamente ligados é o tema de nossa próxima seção.

### 3. Uma visão socioconstrucionista do discurso e da identidade social

Dado que este trabalho pretende problematizar a questão das identidades sociais de masculinidades por meio da análise de uma narrativa de vida do jovem Felipe<sup>4</sup> com base num arcabouço teórico socioconstrucionista da linguagem e das identidades sociais, pautaremos nos pressupostos desenvolvidos por Michael Foucault (2008a e 2008b) e Norman Fairclough (2008).

Foucault (2008a; 2008b) disserta sobre uma relação intrínseca entre discurso e poder. O autor acredita que o discurso é uma prática

em outras práticas, formado por regras não específicas e históricas estabelecidas no tempo e no espaço, e ainda fixam as condições de exercício da função enunciativa – seu caráter pragmático. Além disso, supõe-se que

em toda sociedade a produção do discurso é ao mesmo tempo controlada, selecionada, organizada e redistribuída por certo número de procedimentos que têm por função conjurar seus poderes e perigos, dominar seu acontecimento aleatório, esquivar sua pesada e temível materialidade (FOUCAULT, 2008a; p. 8-9).

Para Foucault (2008b), o poder como uma instância não existe, mas existem práticas ou relações de poder, isto é, o poder é algo que se exerce, que se efetua, que funciona e não está localizado em nenhum ponto específico da estrutura social (MACHADO, 2008). Em outras palavras, o poder não pode ser enxergado como um objeto natural, ou uma coisa, mas sim uma prática social que é constituída historicamente. As relações de poder se exercem em níveis variados e em pontos diferentes da rede social (MACHADO, 2008) e são concretamente exercidas pela palavra (FOUCAULT, 2008b). É também importante lembrar que o poder, na visão de Foucault, não reprime apenas, mas também produz efeitos de verdade e saber, constituindo verdades, práticas e subjetividades por meio dos discursos que circulam nas instituições sociais.

Para que essas relações de verdade e poder, criadas pela e na sociedade, operem, é necessário o reconhecimento de um sujeito diferente da perspectiva iluminista: ele não é singular, a-político e/ou a-histórico. Pela visão foucaultinana, os sujeitos se constroem no interior de um período histórico, nas e pelas práticas discursivas, que, por sua vez, são constituídas pelas práticas de poder e de saber.

As pesquisas realizadas por Michel Foucault são de grande valia para a teoria social do discurso cunhada pelo linguista Norman Fairclough, pois o primeiro analisa e aponta em algumas de suas obras (2008a e 2008b) as rela-

<sup>3</sup> Segundo Tilio (2003) o ideal masculino hegemônico é representado pelo homem branco, de classe média e heterossexual, sendo a subalterna toda e qualquer característica diferente da hegemônica, o homoerotismo, por exemplo.

<sup>4</sup> Por questões éticas, os nomes apresentados neste trabalho são fictícios.

ções entre discurso e poder, a construção discursiva de sujeitos sociais e do conhecimento e o funcionamento do discurso como uma prática a qual acarreta mudanças no corpo da estrutura social (cf. FAIRCLOUGH, 2008).

A visão de discurso proposta por Fairclough (2008) é eminentemente social. Isso significa dizer que o discurso é: 1) um modo de agir, seja sobre o mundo, seja sobre outras pessoas; 2) um modo de significação; e ainda, 3) um modo de constituir as estruturas sociais – suas próprias normas e convenções, como também relações, identidades e instituições que lhe são subjacentes. “O discurso é uma prática, não apenas uma representação do mundo, mas de significação do mundo, constituindo e construindo o mundo em significado” (FAIRCLOUGH, 2008, p. 91). Em resumo, o discurso é o uso da linguagem como prática social.

Em primeiro lugar, o discurso colabora, ou melhor, contribui, para a construção “do que variavelmente é referido como ‘identidades sociais’ e ‘posições de sujeito’ para os ‘sujeitos’ sociais e os tipos de ‘eu’” (FAIRCLOUGH, 2008, p. 91). Variavelmente, pois diferentes teorias constroem de modos diferentes a noção de performance identitária dos sujeitos. Essa função do discurso é descrita por Fairclough como *função identitária*. Esta está relacionada aos modos pelos quais as identidades sociais são estabelecidas no e pelo discurso. Em segundo lugar, o discurso contribui para construção das relações sociais entre as pessoas, constituindo sua *função relacional* que, por sua vez, preocupa-se em como as relações sociais são estabelecidas entre os participantes da prática discursiva, de que maneira essas relações são construídas e negociadas. E, por fim, a função ideacional, ou seja, o discurso contribui para a construção de sistemas de conhecimento e crença. Tal papel se relaciona aos modos pelos quais os enunciados significam o mundo e seus processos, entidades e relações, isto é, a maneira como interpretamos.

Tomando como base os apontamentos socioconstrucionistas e o aporte teórico-metodológico da Análise de Discurso Crítica, desenvolvida por Fairclough, Luiz Paulo da Moita Lopes (2002, 2003 e 2007, este último, juntamente com Branca Falabella Fabrício) oferece-nos suporte teórico para melhor entendermos a relação entre a linguagem e a construção de identidades sociais.

Segundo esse pesquisador, a questão da construção discursiva das identidades sociais está intrinsecamente relacionada a questões sociais de ordens culturais, econômicas, políticas e tecnológicas. Está relacionada também às práticas do dia a dia dos indivíduos em contextos diversos (cf. MOITA LOPES, 2003).

Há nas práticas cotidianas que vivemos um questionamento constante de modos de viver a vida social que têm afetado a compreensão da classe social, do gênero, da sexualidade, da idade, da raça, da nacionalidade etc., em resumo, de quem somos na vida social contemporânea (MOITA LOPES, 2003, p. 15).

A discussão acerca das identidades emerge ao mesmo tempo em que a concepção de linguagem como ação, isto é, uma visão que privilegia o fato de que “todo uso da linguagem envolve ação humana em relação a alguém num contexto interacional específico” (MOITA LOPES, 2003, p. 19). Portanto, quando qualquer sujeito age e interage em uma dada situação, outros participantes reconhecem aquela pessoa como agindo e interagindo como um “certo tipo de pessoa” ou, ainda, como diferentes tipos ao mesmo tempo. Isso significa dizer que a partir de marcas sócio-históricas podemos reconhecer uma pessoa num contexto devido a características X, Y e Z, mas que em outro contexto a reconhecemos pelos traços C, D e E. Tal reconhecimento acontece uma vez que “as identidades são construídas no discurso, sendo, portanto fragmentadas, contraditórias e ambíguas (MOITA LOPES, 2002, p. 95). O *eu* é construído em discursos dentro de textos da vida cotidiana, logo, ele é transformado e reposicionado a cada dia.

A identidade é, desta forma, constituída nas relações sóciodiscursivas, portanto, ela não é nenhuma essência natural carregada, invariavelmente, por uma pessoa, ao longo de sua vida. Tal instabilidade das identidades sociais está intimamente relacionada com o fato de vivermos em um período em que nada se estabelece por muito tempo. Era, tão avançada tecnologicamente, que nos permite estar em vários lugares ao mesmo tempo, mesmo estando, na verdade, em apenas um – acesso a internet e mídia. A rápida circulação de notícias

diversas não deixa que um determinado fato seja o principal por muito tempo, logo outros mais importantes o derrubam, tomando seu lugar. Os mais variados meios de comunicação nos tornam seres globais, influenciando nossas crenças, nosso modo de pensar e agir e de ser (BAUMAN 1999, 2001, 2005; HALL, 2005; SANTOS, 2001 e MOITA LOPES, 2003).

Advogando uma visão socioconstrucionista da linguagem, Moita Lopes considera a sexualidade como um traço da identidade e, como tal, sendo construída em termos de como representamos uns aos outros à luz das práticas discursivas nas quais atuamos. Em outras palavras, o autor enxerga que a sexualidade não é uma essência, isto é, é dinâmica, não indo em apenas uma direção. “Ou seja, nos posicionamos diferentemente em identidades sexuais diferentes em períodos diferentes de nossas vidas em práticas discursivas diferentes” (MOITA LOPES, 2002, p. 100).

## 4. Metodologia de Pesquisa

### 4.1. Paradigmas de pesquisa interpretativista

A análise realizada na próxima seção seguirá uma visão de pesquisa interpretativista de teor etnográfico. Sendo que, segundo Moita Lopes (1994), a pesquisa interpretativista é a investigação que se caracteriza pela interpretação e reinterpretção de significados construídos pelo homem, que age no mundo discursivamente, levando em consideração que ele é um ator social, inserido em um contexto cercado pela pluralidade de vozes em ação no mundo e, ainda, envolvido por questões relativas a poder, ideologia, história e subjetividade. É importante reforçar que na posição interpretativista “não é possível ignorar a visão dos participantes do mundo social caso se pretenda investigá-lo, já que é esta que o determina: o mundo social é tomado como existindo na dependência do homem” (MOITA LOPES, 1994, p. 331). Ainda em acordo com Moita Lopes (1994, p. 334), a pesquisa de base etnográfica ocorre na medida em que o pesquisador busca entender os

diversos significados, configurados pelos atores sociais para que se chegue à compreensão dos sentidos construídos.

### 4.2. Narrativas de vida como espaço para (re-)construção de identidades: um estudo interpretativista

Uma narrativa se refere a um acontecimento específico e é estruturada numa sequência temporal que é constituída de pelo menos duas orações. Além do mais, para que uma narrativa se constitua como tal, é preciso que ela contenha um “ponto” e seja contável (cf. BASTOS, 2004). E, de acordo com Fabrício (2006), ela é um fenômeno interacional – ocorre na interação entre seres – e *dialogal*, isto é, apenas pode ser compreendido na interseção entre o universo do narrador e o universo de seu(s) interlocutor(es).

Além de ter as propriedades mencionadas, Bastos (2004, p.121) se posiciona defendendo a ideia de que há uma relação a qual deve ser problematizada entre narrativa e o mundo extradiscursivo<sup>5</sup>. Segundo ela, a narrativa deve ser vista como um construto social e não apenas um relato de um acontecimento qualquer. “Operam nessa construção o filtro afetivo que guia a lembrança, as especificidades da situação de comunicação em que a narrativa é contada, a ordem sociocultural mais ampla” (BASTOS, 2004, p. 121). Em suma, narrar é um “processo instaurador de realidades sociais” (FABRÍCIO, 2006, p. 192).

Mishler (2004) compartilha tal visão com Bastos (2004) e Fabrício (2006). Para ele as práticas narrativas são uma espécie de performance situada na qual o enunciatador participa e lida com as condições da situação e com a estrutura social. Tais autores consideram a narrativa como uma performance situada, em que o narrador lida com as circunstâncias da situação e a estrutura social normativa. Nessa performance, o narrador se utiliza de recursos avaliativos diversos, ao construir um mundo, num determinado tempo e lugar, no qual circulam pessoas (entre as quais pode estar o próprio narrador) que conversam, pensam, brigam etc., e em relação às quais o narrador se posiciona.

<sup>5</sup> O mundo extradiscursivo é aqui entendido como todo tipo de linguagem não-verbal.

Tais construções se constituem também em performances identitárias, na medida em que nelas são construídos os sentidos que os narradores têm de quem são (BASTOS, 2004, p. 122).

No caso das narrativas de vida, Mishler (2004) argumenta que o narrador tem um espaço para construir sentidos à medida que relata os fatos de sua vida, ele reflete sobre os mesmos e posiciona-se enquanto conta uma história em que ele mesmo é o protagonista e, dessa forma, aos poucos, vai construindo sua identidade e a dos personagens por ele localizados no ato da contação. “A experiência de vida narrativizada teria, então, o potencial de construir um sentido de identidade, entretecido em nossas histórias” (FABRÍCIO E MOITA LOPES, 2004, p. 07).

Com base nos apontamentos realizados, o interesse pelo estudo de narrativas em nossa pesquisa provém de uma visão sobre a mesma como: a) uma maneira de agir socialmente em uma dada situação que nos permite acessar o modo como as pessoas organizam suas experiências; b) uma prática discursiva dialógica que cria sentidos para a vida social; e c) uma forma de cognição e pensamento pois ordena a experiência segundo uma lógica específica (cf. FABRÍCIO, 2006).

#### 4.2. Sujeitos e contextos da pesquisa

O sujeito do estudo, autor da narrativa de vida gerada para a análise, é um jovem adulto de 23 anos, estudante do curso de Letras de uma Universidade Federal na cidade do Rio de Janeiro. É morador de Magalhães Bastos, bairro de classe baixa e média baixa, localizado na Zona Oeste do Rio de Janeiro. O sujeito descrito acima relata sua história para o autor da pesquisa que aqui merece ser descrito pelo seu papel de interlocutor. Tal pesquisador tinha, na época da realização desta, 21 anos e é morador do bairro Ano Bom, localizado em Barra Mansa.

A escolha de apenas um sujeito se dá devido à opção pelo estudo de caso que, segundo Yin (2001, p. 32), “é uma investigação empírica que investiga um fenômeno contemporâneo dentro de seu contexto da vida real, especialmente quando os limites entre os fenômenos e o contexto não estão claramente definidos”. De acordo com Leffa (2006), tal método permite uma investigação mais profunda e exaustiva quando envolve um participante ou pequeno grupo.

#### 4.3. Geração e análise de dados

Para que se gerem as narrativas de vida, utilizaremos uma entrevista não estruturada, gerada por meio de gravação em áudio, que, de acordo com MC Donough & MC Donough (1997), se assemelha a uma conversa natural. Há uma pergunta aberta e, a partir da resposta do sujeito estudado, a entrevista é guiada. O objetivo principal desse tipo de entrevista é que os pesquisados descrevam um episódio ou um acontecimento.

Após a transcrição e análise dos dados gerados, foi aplicado um questionário escrito (cf. Anexo 1) que objetivava a obter mais informações sobre questões abordadas de maneira superficial na entrevista que acreditávamos ser necessárias para a análise dos dados. As respostas produzidas nesse questionário foram consideradas, quando necessário, na análise realizada.

Para a transcrição da entrevista, foram utilizados os procedimentos sugeridos por Marcuschi (2008) (cf. Anexo 2) para que possamos levar em conta os aspectos da ação e interação social, uma vez que sabemos que ao reproduzir uma conversa real devemos considerar os aspectos da oralidade que não são recorrentes na escrita e os não verbais, tais como: entonacionais, paralinguísticos etc.

Para a análise dos dados, foi elencada a teoria do posicionamento que oferece subsídios para que possamos entender como as pessoas se posicionam, produzem e tentam explicar o conhecimento que constroem acerca delas mesmas e/ou dos outros nos mais variados contextos comunicativos (cf. HARRÉ e LANGENHOVE, 2003; DAVIES e HARRÉ, 1990). Tais posicionamentos são, segundo Davies e Harré (1990), desafiados questionados, (re-)negociados pelos participantes, o que nos remete a noções de poder, assim sendo, os sujeitos sempre se posicionam com base naquilo que o(s) interlocutor(es) significa(m) para eles nas práticas discursivas.

Dentro de tal pressuposto, as categorias escolhidas para análise são: Posicionamento de Primeira Ordem (First Order Positioning), Posicionamento de segunda ordem ou posicionamento reflexivo (Second Order or Reflexive Positioning), Posicionamento social (Moral Positioning), Posicionamento Pessoal (Personal Positioning), Posicionamento tácito (Tacit

Positioning) e Posicionamento intencional (Intentional Positioning). Esses posicionamentos são tomados ao longo de um evento conversacional, portanto inseridos num contexto específico. Então, para que seja possível a interpretação das diversas posições tomadas durante a prática discursiva, é necessário que se leve em conta o construto que Gumperz (2002) chama de *convenções de contextualização* que são pistas de ordem sociolinguística que utilizamos para marcar ou destacar os nossos propósitos para inferir as intenções do interlocutor. Elas são divididas em: 1) *pistas linguísticas*, como mudanças de código, de dialeto ou de estilo, escolha entre opções lexicais e sintáticas, entre outras; 2) *pistas paralinguísticas*, como, por exemplo, o valor das pausas de um determinado locutor, seu tempo de fala e suas hesitações; e, ainda, 3) *pistas prosódicas* que ocorrem na variação de entonação do falante, o acento, o tom etc. e são constituídas de diversos sistemas de marcas as quais são estabelecidas por traços culturais. Além das pistas elencadas, ainda existem as *não verbais*, tais como: a direção do olhar, postura perante interlocutores, gesticulações etc.

É importante ressaltar que este trabalho, por se tratar de uma pesquisa envolvendo seres humanos, seguiu os princípios da declaração de Helsinki (2008), assim como os padrões éticos estabelecidos para a pesquisa em Linguística Aplicada segundo Celani (2005) e Paiva (2005).

## 5. Análise da entrevista

Para a análise dos dados foram selecionados alguns excertos da entrevista em áudio que realizamos com o sujeito procurando gerar sua narrativa de vida. Nesta entrevista, foram abordados alguns assuntos relativos à construção identitária de Filipe com base nos relatos do mesmo em relação a sua vida familiar, escolar e *online*.

Seguindo o modelo de entrevista não estruturada que propõe uma pergunta aberta deixando o entrevistado livre para narrar os fatos, foi proposta a seguinte questão: *Quero que você me conte a história da formação de sua sexualidade, como começou, de que forma, as coisas pelas quais você passou, enfim, que você me conte como se tornou o que você é hoje.*

Apesar de a narrativa ser sequencial, contando em ordem cronológica diversos fatos que

se sucederam num período de, aproximadamente, 16 (dezesseis) anos da vida do participante, por questões de espaço optamos por analisar apenas 6 (seis) trechos da narrativa gerada.

### Sequência 1:

#### **“primeira lembrança que eu tenho de uma:: um contato sexual”**

**Filipe:** É:: a primeira lembrança que eu tenho de:: / de uma:: / de um contato sexual foi com / um primo meu // eu tinha:: // sei lá / uns sei::s sete anos e:: // ”foi durante uma brincadeira eu ele e o irmão dele // e:: a gente foi brincando e ele:: / passou a mão em mim // e aí eu estranhei na época na hora não gostei / olhei pra ele feio // e depois disso // acabou que a gente / começou a fazer outras brincadeiras.

Essa primeira sequência relata a lembrança de Filipe referente ao primeiro contato sexual que teve com um primo. Por se tratar de um trecho localizado no início da entrevista é perceptível o desconforto do entrevistado em relação ao ato de narrar suas experiências. Percebemos tal fato, pelo número abundante de pausas e alongamentos vocálicos, que podem ser considerados sinais de hesitação no ato conversacional (GUMPERZ, 2002).

Em relação às características textuais desse excerto, percebemos a predominância do tipo textual narrativo, expresso pelos verbos apontados para o passado (“um contato sexual *foi*”, “foi durante uma brincadeira”, “passou a mão em mim”, “*estranhei* na época” etc.), além disso, o trecho em questão apresenta mudanças de estado – passagem da brincadeira ao ato de conotação sexual – e relações temporais de anterioridade e posterioridade.

O tema do trecho é a primeira lembrança sexual do sujeito em questão. Do ponto de vista narrativo, percebemos como ponto central dos acontecimentos, segundo Bastos (2004), o fato de que o primo passou a mão em Filipe (“a gente foi brincando e ele:: / passou a mão em mim”). Tal ponto, segundo a autora, é o motivo de ser dessa narrativa, ou seja, transforma o excerto numa história contável.

Logo no início da história, Filipe toma um *posicionamento de primeira ordem* (HARRÉ e LANGENHOVE, 1999) ao se localizar na nar-

rativa, localizando também os outros personagens da mesma (“É:: a primeira lembrança que eu tenho de:: / de uma:: / de um contato sexual foi com / um primo meu // eu tinha:: // sei lá / uns sei::s sete anos e:: // ”foi durante uma brincadeira eu ele e o irmão dele”). A partir desse trecho, somos capazes de reconhecer o evento que envolve não só o sujeito, mas também seu primo e o irmão desse primo – provavelmente também primo de Filipe. Nesse trecho, percebe-se a predominância de um vocabulário coloquial, com verbos e advérbios que situam o contexto do trecho contado (“foi durante uma brincadeira”). Indicando o prosseguimento da ação narrada (e:: a gente foi brincando e ele”) são usadas locuções verbais num passado progressivo – pretérito imperfeito - ao mesmo tempo, a formulação sintática do trecho em questão introduz o contexto imediato no qual ocorre o ponto da narrativa (BASTOS, 2004) (“e ele:: / passou a mão em mim”). Percebemos nesse trecho a utilização de um *posicionamento intencional* (HARRÉ e LANGENHOVE, 1999), pois ao atribuir a ação de passar a mão ao primo (“e ele:: / ((o primo)) passou a mão em mim”), Filipe posiciona-se colocando a culpa do ato inteiramente sobre seu primo, posicionando-se ao mesmo tempo como o objeto da ação, tendo uma conduta passiva em relação a mesma.

Filipe também deixa claro no trecho que, inicialmente, não gostou da ação praticada pelo primo (“e aí eu estranhei na época na hora não gostei / olhei pra ele feio”), provavelmente incitado por um *posicionamento social* – já que um menino passando a mão em outro não é um fato aceito pela sociedade. Porém, logo após, Filipe retoma um *posicionamento de primeira ordem* (“e depois disso // acabou que a gente / começou a fazer outras brincadeiras”) revelando que ele e o primo – posicionando a ambos – envolveram-se em ações sexuais posteriores, ou, nas palavras de nosso sujeito, “outras brincadeiras”.

### Sequência 2:

#### “Um comportamento mais heterozinho”

F: Aí eu lembro que:: // com esse primo mesmo // era uma coisa // acontecia menos vezes e ele era:: / tinha um comportamento mais / mais heterozinho durante a:: / relação de:: //

de fazer concorrência de quem / quem ia ficar mais tempo / quem ia / quem ia gozar mais rápido ‘não goza porque a gente nem gozava, / mas / quem ia fazer o que primeiro / é:: // i::h / ‘aí com o irmão dele também acontecia / o irmão dele era mais novo dois anos que ele então / cerca de / três ou quatro anos mais novo que eu / e com o irmão dele que é mais novo foi acontecendo depois / lá com meus 11 anos por aí // ‘e tem um outro primo meu // que aí esse, durante essa época eu tinha / mais relação, / me relacionei mais vezes com ele. E era:: / com esse primo / esse terceiro primo // era uma coisa mais variada // ta::nto eu quanto ele / ahh / não tínhamos papel fixo de passivo ou ativo na relação

Nessa sequência, Filipe prossegue sua história, tomando um *posicionamento de primeira ordem* (HARRÉ e LANGENHOVE, 1999), descrevendo com maiores detalhes sua relação com o primeiro primo e com dois primos posteriores. O sujeito apresenta seu primo mais velho como um garoto que se comportava como *heterozinho* (“com esse primo mesmo // era uma coisa // acontecia menos vezes e ele era:: / tinha um comportamento mais / mais heterozinho durante a:: / relação”). A escolha desse vocábulo, provavelmente, deu-se pelo fato de ele – o primo mais velho – mostrar-se mais autoritário, mais dominador, mais durão, isto é, um homem que detém o poder numa relação que, por sua vez, dita as regras do jogo. Podemos confirmar essa ideia pelas respostas que Filipe escreve no questionário, como nos trechos aqui transcritos: “Se fazer de heterozinho é construir a fama de homenzinho” e “construir essa fama de homenzinho os ajudam a ‘ser homens’”. A maneira como o primeiro primo se relacionava com Filipe, ativamente, era uma forma de se manter *socialmente* como homem perante o jovem já que ele exercia certo domínio sobre Filipe (WELZER-LANG, 2004).

Essa significação da performance masculina atribuída ao primo constrói este discursivamente na narrativa (MOITA LOPES, 2003) e vai ao encontro do ideal masculino que vigorou até os anos de 1990 (cf. OLIVEIRA, 2004), ser homem significava ser ativo e estar no poder (WELZER-LANG, 2004). Ao relatar sua experiência com o primo mais velho dessa

maneira, Filipe toma um *posicionamento social* (HARRÉ e LANGENHOVE, 1999).

Em seguida, o sujeito toma um *posicionamento de primeira ordem* (HARRÉ e LANGENHOVE, 1999) ao contextualizar a situação discursiva para o pesquisador –coenunciador – situando o mesmo no tempo e apresentando os personagens, os outros dois primos (“‘aí com o irmão dele também acontecia / o irmão dele era mais novo dois anos que ele então / cerca de / três ou quatro anos mais novo que eu / e com o irmão dele que é mais novo foi acontecendo depois / lá com meus 11 anos por aí”).

Após situar esses outros primos na narrativa, Filipe descreve sua relação com o terceiro primo a qual se distancia bastante do relacionamento que mantinha com o primeiro. Enquanto Filipe ocupava o lugar da *mulher*, por estar sujeitado ao exercício de poder do primeiro primo (WELZER-LANG, 2004), ao se envolver com o terceiro primo, o jovem deixa de ocupar um lugar considerado feminino (WELZER-LANG, 2004) e passa a cambiar papéis, desestabilizando assim, as tradicionais relações de poder (FOUCAULT, 2008a; 2008b) (“com esse primo / esse terceiro primo // era uma coisa mais variada // ta:nto eu quanto ele / ah / não tínhamos papel fixo de passivo ou ativo na relação”).

Nesse excerto, Filipe parece continuar se sentindo um pouco desconfortável ao narrar sua história ao sujeito pesquisador deste trabalho, pois ainda há bastantes pausas longas no início do trecho em questão, revelando uma certa pre-ocupação do jovem com o que ele irá dizer.

### **Sequência 3:**

**“Um terceiro primo /.../ foi o primo que eu mais me relacionei”**

um terceiro primo que eu tinha relação também quando era: / crian é: // nove dez anos / mas que depois quando a gente já tava com uns treze / quatorze // aí foram foi o primo que eu mais me relacionei // aí foi com esse primo teve: / relação de penetração / ele em mim // eu nele não chegou a acontecer // ele era sempre: ele sempre foi mai:s // heterozinho mais // é: // sempre gostou mais da fama de homenzinho / de / de ter de ter um homem de ser um homem mais desenvolvido

Filipe, após descrever alguns momentos de suas relações com o primo mais velho, passa a contar experiências que teve com o primo mais novo, relação esta que teve início quando o jovem tinha cerca de nove ou dez anos de idade e só ficou mais intensa alguns anos depois, quando já estava com trezes anos (“um terceiro primo que eu tinha relação também quando era: / crian é: // nove dez anos / mas que depois quando a gente já tava com uns treze / quatorze // aí foram foi o primo que eu mais me relacionei”).

Podemos perceber nesse excerto uma maior segurança de Filipe ao falar sobre suas experiências e relações com os primos, o que não acontecia em trechos anteriores. O menor número de pausas longas e alongamentos vocálicos sinalizam tal fato – o jovem estava mais confortável para falar perante seu interlocutor, autor deste trabalho (GUMPERZ, 2002).

O sujeito pesquisado toma um *posicionamento de primeira ordem* ao apresentar o terceiro primo como mais um participante nos seus relacionamentos, garoto esse que posteriormente se tornou o primo com quem Filipe mais se relacionou durante algum tempo (“já tava com uns treze / quatorze // aí foram foi o primo que eu mais me relacionei”) (HARRÉ e LANGENHOVE, 1999). Logo após apresentar o primo mais novo, ou terceiro primo, Filipe conta que foi com esse seu parente com quem ele teve relações de penetração, ato esse que não acontecera até então com o primeiro primo (“aí foi com esse primo teve: / relação de penetração”).

Entretanto, depois de contar que tinha relação de penetração com o terceiro primo, Filipe diz que o mesmo tinha um comportamento mais heterozinho e que ele gostava de ter fama de homenzinho (“ele sempre foi mai:s // heterozinho mais // é: // sempre gostou mais da fama de homenzinho / de / de ter de ter um homem de ser um homem mais desenvolvido”). Essa conduta do terceiro primo, a fim de construir uma suposta “fama de homem”, talvez tenha colaborado para que ele não tenha exercido papel de passivo durante qualquer ato sexual que teve com Filipe, apenas se comportava como ativo (“aí foi com esse primo teve: / relação de penetração / ele em mim // eu nele não chegou a acontecer”).

Filipe toma um *posicionamento social* (HARRÉ e LANGENHOVE, 1999) ao escolher os termos “heterozinho” e “fama de homenzinho” para fazer referência ao seu terceiro primo, pois atribui tais características ao mesmo na tentativa de justificar um padrão de masculinidade o qual é julgado como verdadeiro por determinados discursos que circulam por certas instituições sociais (FOUCAULT, 2008b).

Ao se referir dessa maneira ao terceiro primo, o jovem trata a atitude do garoto como uma essência que vigora em todos os corpos masculinos (MOITA LOPES, 2002), ou seja, todos os homens devem agir da mesma forma que seu terceiro primo agiu para que seja, de fato, homem. Essa posição de Filipe constrói uma performance masculina como a única possibilidade de ser homem, pois trata-se de uma essência que subjaz o corpo dos homens. De acordo com Filipe, existe uma performance masculina, a hegemônica (TÍLIO, 2003), todas as outras, mesmo que não sejam performances homoeróticas, não respondem ao padrão de masculinidades esperado por determinados grupos sociais. Logo, ao pensarmos em masculinidades, seguindo o pensamento do jovem Filipe, não são “homens” aqueles que são mais sensíveis e amorosos com suas companheiras, aqueles que estão solteiros há bastante tempo e não se encontram em relacionamentos com diferentes mulheres etc., uma vez que fogem de modelos pré-estabelecidos.

#### **Sequência 4:**

##### **“No Ensino Médio”**

P: Quando que essa ideia de / eu sou gay / surgiu? / Em qual etapa?

F: “Já no Ensino Médio, / com quinze / dezesseis anos, / que foi a época que eu comecei a namorar com ela

P: Na época que você começou a namorar essa menina você ‘já sabia,?’

F: ‘Já, / não queria que soubessem mas eu já sabia / aí nes eu não não assumia / pra mim mesmo / que eu era gay / eu acreditava que era bi: / ou que:: eu era:: um hétero que gostava de ter relações com homens / mas / é:: / eu já sabia que eu / já sentia que era gay / mas não queria saber / não queria admitir pra mim mesmo // aí / enquanto eu namorava com

ela eu tive essa relação co::m / com esses dois primos / a relação com eles foi acontecendo / várias vezes // e:: // é:: / nessa época ainda teve uma:: / uma questão de culpa / de eu não / não querer / que / sempre que as relações aconteciam eu me sentia ‘culpado / eu me sentia mal / sujo, / depois disso acontecer

Nessa quarta passagem, após passado um tempo desde de seus primeiros contatos sexuais, o eixo central da narrativa gira em torno do descobrimento de Filipe, de que era gay. E tomamos um *posicionamento de primeira ordem* (HARRÉ e LANGENHOVE, 1999) quando lhe perguntamos em que época de sua vida começou a pensar ou a sentir que era gay (“Quando que essa ideia de / eu sou gay / surgiu? / Em qual etapa?”). O jovem responde que tal ideia teve início quando ainda estava no Ensino Médio, com cerca de 15 anos e foi nessa mesma época em que ele começou a namorar uma menina.

Entretanto, Filipe não deixa claro se o namoro foi anterior ou posterior ao “surgimento” da ideia de que era gay (“Já no Ensino Médio, / com quinze / dezesseis anos, / que foi a época que eu comecei a namorar com ela”). Então, para tornar as informações mais claras, tomamos, novamente, um *posicionamento de primeira ordem* (HARRÉ e LANGENHOVE, 1999) ao perguntar se no início de seu namoro com a garota ele já sabia de sua sexualidade (“Na época que você começou a namorar essa menina você ‘já sabia,?’”). Ele responde rapidamente e com um tom, o tom de voz um pouco mais alto que já sabia, mas não queria que outras pessoas soubessem daquilo.

Ainda nessa sequência, Filipe discorre sobre como se enxergava nesse período. Segundo o rapaz, ele sabia que era gay, porém não queria aceitar tal fato (“não assumia / pra mim mesmo / que eu era gay”), ainda acrescenta que queria acreditar no fato de ser bissexual ou de ser um homem heterossexual e, mesmo assim, gostava também de manter relações com homens. Esse discurso de Filipe revela uma visão bastante negativa acerca do que era ser gay, pois o mesmo, nessa época, enxergava a performance da identidade masculina homoerótica como uma maneira subalterna de ser homem (TÍLIO, 2003), ou seja, essas formas eram, na concepção do jovem,

inferiores. Mesmo sabendo sobre sua sexualidade, o jovem insiste, em diversas passagens desse trecho, no fato de não querer acreditar que era gay.

Em seguida, o jovem conta que, embora namorasse uma menina, ainda mantinha relações com seus primos (“enquanto eu namorava com ela eu tive essa relação co::m / com esses dois primos”) e que, após cada ato com esses, ele se sentia sujo, ou culpado (“sempre que as relações aconteciam eu me sentia ‘culpado / eu me sentia mal / sujo,”). Esse sentimento revela um *posicionamento social* (HARRÉ e LANGENHOVE, 1999) tomado pelo jovem, pois seu discurso materializa um regime de verdade (FOUCAULT, 2008b) o qual alega que as práticas sociais entre pessoas do mesmo sexo são atos que ocorrem entre pessoas anormais (WELZER-LANG, 2004). E, como o próprio jovem menciona em outras passagens da narrativa, as pessoas iriam julgá-lo mal se soubessem o que acontecia.

### **Sequência 5:**

#### ***“anda bicha sai desse quarto”***

ái eu lembro que uma vez / depois de um tempo / quando minha mãe já tava lidando melhor com isso / ela entrou no quarto uma vez / e falou / ‘anda bicha sai desse quarto, / aí:: eu dei uma / eu falei / muito pesado com ela / ‘de que que você me chamou?’ e:: ‘não fala assim comigo, / aí eu acho que foi nessa época / que eles perceberam / que também é:: / porque eu tenho u::m um é um outro tio gay / que eles perceberam de que:: eu poderia ser gay / e não deixaria de ser homem / por causa disso / aí nessa época ela:: comentou / já que você é assim / que seria legal que:: eu me comportasse / como / como esse meu esse meu parente se comporta / de uma forma discreta

Nesse penúltimo excerto, já tendo Felipe assumido para si mesmo e para sua família sua sexualidade, podemos perceber uma tentativa de aceitação da mãe de Filipe em relação à masculinidade performada pelo filho. O jovem discorre sobre a atitude de sua mãe algum tempo depois de ter contado a ela que era

gay. Segundo Filipe, sua mãe entrou em seu quarto num determinado dia e, utilizando um termo pejorativo, chama seu filho (“quando minha mãe já tava lidando melhor com isso / ela entrou no quarto uma vez / e falou / ‘anda bicha sai desse quarto,”). Filipe nos diz que não gostou nenhum um pouco da atitude da mãe, revelando um *posicionamento de segunda ordem* (HARRÉ e LANGENHOVE, 1999) ao refutar, responder ao ato que não o agradou (aí:: eu dei uma / eu falei / muito pesado com ela / ‘de que que você me chamou?’ e:: ‘não fala assim comigo,”).

É notória a desconstrução das masculinidades subalternas que Filipe faz, inclusive de sua própria. Ao irritar-se com sua mãe porque a mesma o chamou de *bicha*, revela uma desessencialização das identidades de sexualidade, nesse caso a da sexualidade homoerótica. O jovem, até então, tinha uma visão estereotipada a respeito dos homens homoeróticos, dado que, como mostrado pelos trechos anteriores, ele evitava assumir-se ou rotular-se como gay.

Então, o *novo* comportamento de Filipe revela uma nova forma de enxergar a problemática das masculinidades. O jovem parece não mais acreditar em apenas uma performance estereotipada possível, mas sim em várias – podemos perceber isso quando ele não aceita ser chamado de bicha por sua mãe, passando a enxergar a masculinidade, seja ela como for, não como uma essência, mas sim como uma performance não determinada por certas características.

Tal desessencialização ocorre, talvez, quando Filipe percebe que ele continuará sendo homem, independente de performar uma masculinidade subalterna ou hegemônica (TÍLIO, 2003) (“eu poderia ser gay / e não deixaria de ser homem”) e que não precisava portar um conjunto de traços os quais o identificariam como isso ou aquilo. Já sua mãe, não tem a mesma percepção. Ao pedir que o filho se comportasse de maneira discreta, a mãe ainda revela uma preocupação concernente ao que as pessoas vão pensar em relação a isso, posicionando-se de forma *social* (nessa época ela:: comentou / já que você é assim / que seria legal que:: eu me comportasse / como / como esse meu esse meu parente se comporta / de uma forma discreta”).

**“não quero fazer nada que que um outro menino não não faria”**

Filipe: /.../ no final do ano passado eu tive / eu conheci / pelo orkut um outro menino que:: / me pareceu um menino bem legal e a gente começou a:: / se relacionar a gente conversava muito pelo pelo MSN e decidi se encontrar / e:: // só que ele morava muito distante de mim / então:: // eu cheguei pra minha mãe e falei / olha / eu to namorando / e não quero:: não quero namorar na rua / não quero:: // um / um / um não quero / fazer nada que / que um outro menino / não / não faria / então eu queria trazer meu namorado aqui em casa / queria que ele pudesse dormir aqui em casa / porque a gente mora distante / e nessa época / minha mãe é:: / minha mãe conversou com meu pai / minha mãe / e meu pai deixou

Já nesse último excerto da narrativa de sua vida, Filipe relata um acontecimento bastante recente, apresentando-nos um novo contexto, tomando, assim, um *posicionamento de primeira ordem* (HARRÉ e LANGENHOVE, 1999). O jovem nos conta sobre um garoto o qual ele conheceu em uma página de relacionamento da Internet e que, posteriormente, tornou-se seu namorado.

O ponto chave desse trecho é a (re-)construção de sua identidade de masculinidade. Como já apontamos no trecho anterior, Filipe não mais se vê como um ser que deve performar sua identidade sob estereótipos construídos e naturalizados por regimes de verdade (FOUCAULT, 2008b), e sim como um homem que performa certa identidade a qual não é nem superior nem inferior a qualquer outra performance.

Tal fato é bastante perceptível quando o jovem conta para sua mãe sobre seu novo relacionamento com um garoto que tinha conhecido há algum tempo e pede sua permissão para que pudesse trazer tal menino para casa, como um casal considerado *normal* faria. Também podemos perceber a aceitação de seu pai e sua mãe diante essa nova realidade (“minha mãe conversou com meu pai / minha mãe / e meu pai deixou”), ambos adentram, dessa forma, em um novo tempo, líquido, pós-moderno e globalizado (BAUMAN, 1999, 2001 e 2005 e SANTOS, 2001).

## 6. Considerações Finais

Buscando entender as relações entre o período contemporâneo, o discurso e as identidades sociais, os estudos linguísticos têm, cada vez mais, se pautado nas áreas da pesquisa social, procurando entender o poder social constitutivo do discurso. Tentando estender as preocupações sociais aos estudos da linguagem, à problemática da construção discursiva das identidades- verificamos que a Análise de Discurso Crítica, juntamente com a Teoria do Posicionamento, nos permitiu analisar a narrativa de vida de um participante da pesquisa como um espaço sóciodiscursivo da construção de sua identidade de masculinidade.

Por meio do primeiro excerto, foi possível a caracterização do texto em análise como uma narrativa de vida. Relações de anterioridade e posterioridade, temporais e ponto da narrativa são expressos ainda nesse primeiro excerto. Em relação aos posicionamentos encontrados, os de *primeira ordem*, no qual o sujeito apresenta o contexto da enunciação, os *sociais* aqueles em que o sujeito demonstra preocupação com os regimes de verdades vigentes na sociedade e o *intencional* em que o sujeito deliberadamente manipula sua produção discursiva, foram predominantes. Além disso, por ser tratar de um excerto do início da entrevista não estruturada, também foi notada a presença de hesitações expressas, na maioria das vezes, por alongamentos vocálicos.

No segundo, terceiro e quarto excertos da narrativa analisada, nos quais o jovem Felipe continua a relatar suas experiências de masculinidades, encontramos novamente posicionamentos de *primeira ordem* e *social*, o que demonstra que o discurso do participante continua subjugado a uma espécie de controle exercido pelas estruturas de poder da sociedade. Nesses excertos, não foram encontrados quaisquer marcas de posicionamento intencional e a hesitação relatada no primeiro excerto diminui dado o prosseguimento da narrativa.

O quinto e sexto excertos, extraídos do final da narrativa, demonstram uma mudança em relação aos posicionamentos de ordem social na medida em que o jovem refuta crenças e valores que constituíam suas ações do começo da narrativa. Aqui, Felipe já não demonstra uma preocupação tão forte em relação às

coerções sociais, objetivando transgredi-las ao afiliar-se a novos regimes de verdade produzidos pelas práticas discursivas em nossa sociedade.

Por meio da análise, concluímos que o jovem, durante a narração de sua história de vida, constrói e reconstrói discursivamente a identidade de masculinidade, em especial a subalterna, quando, ao longo da mesma, imprime em seu discurso a percepção de diversas formas para a performance dessa identidade. Nosso sujeito de pesquisa (re-)monta, ao longo da entrevista realizada, diferentes visões de masculinidade que caminham desde concepções essencializadas à dessencialização das mesmas. Por se tratar de uma narrativa de

vida, é importante ressaltar que algumas das visões de masculinidades construídas pelo sujeito fizeram parte de sua própria identidade ao longo de sua vida, enquanto outras ainda o fazem, momentaneamente, dado que, segundo as teorias estudadas, tal identidade está em constante fluxo e mudanças.

Vale destacar, também, que este trabalho é apenas uma contribuição para pesquisadores da área de Linguística Aplicada e da Análise de Discurso Crítica, não sendo nossa pretensão o esgotamento do assunto. Esperamos que os dados aqui apresentados sejam úteis para futuras pesquisas envolvendo a problemática das identidades sociais em contextos escolares ou não.

## 7. Referências bibliográficas

1. BASTOS, Lílana Cabral. **Narrativa e Vida Cotidiana**. In: SCRIPTA, Belo Horizonte, v.7, n° 14, p, 118 – 127, 2004.
2. BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade Líquida**. Tradução de Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001.
3. BAUMAN, Zygmunt. **Globalização: as consequências humanas**. Tradução de Marcus Penchel. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1999.
4. BAUMAN, Zygmunt. **Identidade**. Tradução de Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2005.
5. CELANI, Maria Antonieta Alba. Questões de ética na pesquisa em Linguística Aplicada. **Linguagem & Ensino**. V. 8, n. 1. P. 101 – 122, 2005.
6. DAVIES, B. & HARRÉ, R. **Positioning: the discursive production of selves**. Disponível em: <<http://www.massey.ac.nz/~alock/virtual/welcome/position/position.htm>>. Acessado em 22 de janeiro de 2010.
7. DEBORD, Guy. **A sociedade do espetáculo**. Tradução de Estela dos Santos Abreu. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.
8. FABRÍCIO, Branca Falabella. MOITA LOPES, Luiz Paulo da. **Identidades em xeque em narrativas contemporâneas**. Trabalho apresentado no XVIII Congresso Luso-Afro-Brasileiro de Ciências Sociais. Coimbra, Setembro de 2004. Disponível em <http://www.ces.uc.pt/LAB2004>. Acessado em 20 de janeiro de 2010
9. FABRÍCIO, Branca Falabella. Narrativização da experiência: o triunfo da ordem sobre o acaso. In: MAGALHÃES, Izabel; CORACINI, Maria José; GRIGOLETTO, Marisa. (Org.). **Práticas Identitárias: Língua e Discurso**. São Paulo: Editora Claraluz, 2006.
10. FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. São Paulo: Edições Loyola, 2008a.
11. FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. São Paulo: Graal, 2008b.
12. GUMPERZ, John J. Convenções de contextualização. In: RIBEIRO, Branca Telles. GARCEZ, Pedro M. **Sociolinguística interacional**. São Paulo: Edições Loyola, 2002.
13. HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP&A editora, 2005.

14. HARRÉ, Rom; LANGENHOVE, Luk. Introducing Positioning Theory. In: HARRÉ, Rom; LANGENHOVE, Luk Van. **Positioning Theory**. Oxford: Blackwell Publisher, 1999.
15. LEFFA, Vilson J. A aprendizagem de línguas mediada por computador. In: LEFFA, Vilson J. (Org.). **Pesquisa em Linguística Aplicada: temas e métodos**. Pelotas: Educat, 2006.
16. MACHADO, Roberto. Introdução: por uma genealogia do poder. In: FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. São Paulo: Graal, 2008.
17. MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Análise da conversação**. São Paulo: ática, 2008.
18. MC DONOUGH, J & MC DONOUGH, S. Asking questions, In MC DONOUGH, J. & MC DONOUGH, S. **Research methods for English teachers**. EdwardArnold, 1997.
19. MISHLER, Elliot G. **Storylines: Craftartists' narratives of identity**. The USA: Havard University Press, 2004.
20. MOITALOPES, Luiz Paulo da. **Identidades Fragmentadas: A construção discursiva de raça, gênero e sexualidade em sala de aula**. Campinas: Mercado de Letras, 2002.
21. MOITA LOPES, Luiz Paulo da. **Pesquisa interpretativista em linguística aplicada: a linguagem como condição e solução**. In: *D.E.L.T.A.*, vol. 10, nº 02, 1994, pág. 329-338.
22. MOITA LOPES, Luiz Paulo da. Socioconstrucionismo: discurso e identidades sociais. In: MOITA LOPES, Luiz Paulo da. (Org.). **Discurso de Identidades: discurso como espaço de construção de gênero, sexualidade, raça, idade e profissão na escola e na família**. Campinas: Mercado de Letras, 2003.
23. MOITA LOPES, Luiz Paulo da. FABRÍCIO, Branca Falabella. "Se eu fosse mulher...": performances de gênero e sexualidade em "Como Gostais". In: MOITA LOPES, Luiz Paulo da. DURÃO, Fábio Akcelrud. ROCHA, Roberto Ferreira da. **Performances**. Rio de Janeiro: contracapa livraria, 2007.
24. FAIRCLOUGH, Norman. **Discurso e mudança social**. Coordenadora de tradução, revisão técnica e prefácio de Izabel Magalhães. Brasília: Editora UnB, 2008.
25. OLIVEIRA, Pedro Paulo de. **A construção social da masculinidade**. Belo Horizonte: Editora UFMG; Rio de Janeiro: IUPERJ, 2004.
26. PAIVA, Vera Lúcia Menezes de Oliveira e. Reflexões sobre ética e pesquisa. **Revista Brasileira de Linguística Aplicada**. Belo Horizonte. v. 5, n. 1, p. 43 – 61, 2005.
27. SANTOS, Boaventura de Souza. **Pela mão de Alice: o social e o político na pós-modernidade**. São Paulo: Cortez, 2001.
28. SANTOS, Marlene Soares dos. A dramaturgia shakespeariana. In: LEÃO, Liana de Camargo. SANTOS, Marlene Soares dos. (Orgs.). **Shakespeare: sua época e sua obra**. Curitiba: Beatrice, 2008.
29. TÍLIO, Rogério. O jogo discursivo na vida afetiva: a construção de masculinidades hegemônicas e subalternas. In: MOITA LOPES, Luiz Paulo da. **Discurso de Identidades: discurso como espaço de construção de gênero, sexualidade, raça, idade e profissão na escola e na família**. Campinas: Mercado de Letras, 2003.
30. WELZER-HANG, Daniel. Os homens e o masculino numa perspectiva de relações sociais sexuais. In: Schpun, Mônica Raisa (org.). **Masculinidades**. São Paulo: Boitempo Editorial, 2004.
31. WOODWARD, Kathryn. Concepts of identity and difference. In: WOODWARD, Kathryn (Ed.). **Identity and difference: culture, media and identities**. London: SAGE Publications, 2008.
32. YIN, Robert K. **Estudo de caso: planejamento e método**. Porto Alegre: Bookman, 2001.

---

**Endereço para Correspondência:**

Alvaro Monteiro Carvalho  
 alvaroxii@yahoo.com.br  
 Rua São Jorge, 50  
 Ano Bom - Barra Mansa/RJ  
 CEP: 27.323-440

**Informações bibliográficas:**

Conforme a NBR 6023:2002 da Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT), este texto científico publicado em periódico eletrônico deve ser citado da seguinte forma: CARVALHO, Alvaro Monteiro; ANDRADE. "Histórias que a vida conta": A (Re-)Construção Sócio-Discursiva de Masculinidades. **Cadernos UniFOA**. Volta Redonda, Ano VI, n. 17, dezembro 2011. Disponível em: <<http://www.unifoa.edu.br/cadernos/edicao/17/43.pdf>>

## 8. Anexo 1

1. Em uma passagem, no início da entrevista, você diz que seu primo passa a mão em você e logo sente que aquilo foi errado. Explique por que você sentia que tal situação era errada?
2. Em outro trecho, você diz que um de seus primos se fazia de *heterozinho*. O que quis dizer com isso? Por que a analogia hétero sinônimo de ativo?
3. Você diz que culpava seu primeiro primo pelo que ele fez. Por quê?
4. Ao longo da entrevista, você diz que participou de *jogos de poder*. Descreva o que isso significa.
5. “Fama de homenzinho” “ser homem” são termos que você lança mão ao longo da entrevista para fazer referência a primos com quem teve relacionamentos mais longos. Por quê?
6. “Todos sabiam que todos sabiam, mas todos fingiam que não sabiam.” Por quê?
7. Em um trecho da entrevista, você menciona o fato de ter namorado uma menina com medo de que seus pais desconfiassem de você. Eles faziam algum tipo de comentário em casa ou perguntavam sobre namoradas?
8. Qual foi o motivo pelo qual você terminou com sua namorada?
9. Você diz em um trecho que foi importante para o seu processo de aceitação conversar pela internet com um menino que tinha um namorado. Por quê?
10. Em certo momento da entrevista, você diz que os relacionamentos gays que você tinha visto ou conhecia fugiam dos padrões hétero de casal? O que seria um padrão hétero de casal? Por que você faz essa associação?

## 9. Anexo 2

### Listas de Convenções adaptadas de Marcuschi (2008)

[[	Falas simultâneas
[	sobreposição de vozes
[ ]	sobreposições localizadas
/	pausas curtas (até 1,5 segundo)
//	pausas longas (para além de 1,5 segundo)
( )	falas “incompreensíveis” ou “supostas” pelo pesquisador
<	truncamentos bruscos
MAIÚSCULO	ênfase ou acento forte
::	Alongamento de vogal
(( ))	comentários do analista
-----	Silabação
”	entonação (uma subida rápida)
‘	entonação (uma subida leve)
’	entonação (descida leve ou brusca)
Repetições	reduplicação de letra ou sílaba
Eh, ah, oh, ih::, mhm, ahã etc	pausa preenchida, hesitação ou sinais de atenção
/.../	indicação de transcrição parcial ou de eliminação
P	Pesquisador